



EDITORIAL

LINHA DE RUMO

Ao assumir a direcção deste jornal, cabe-nos definir, como dissemos no seu último número, as directrizes a que obedecerá a sua futura orientação.

E fazemo-lo conscientes de que os princípios gerais que vamos referir, por nós anunciados quando foi posta a questão da sua existência e continuidade, devem constituir, para nós e para todos os que conosco queiram colaborar, questão básica, a que teremos de sujeitar-nos rigorosamente.

Como resultado do seu próprio nome, DEFESA DE ESPINHO será um jornal voltado aos interesses de Espinho, única política que militará nas suas colunas.

Não nos enfeudaremos ao endeusamento de quem quer que seja.

Mas não seremos também um Órgão de hostilização, seja de quem for.

O endeusamento e a hostilidade são processos sempre conducentes ao depauperamento e à falência da personalidade própria e à forçada adulteração da personalidade alheia.

E nós queremos viver, livres da louvaminha e da perseguição, defendendo com independência os interesses de Espinho, respeitando a dignidade dos outros e actuando sempre por forma a que nos respeitem a nossa.

Gostariamos de ser um jornal vivo, trazendo à luz todos os problemas que constituem preocupação dos Espinhenses.

E, para isso, não nos pouparemos a ir rebuscá-los junto de cada um, auscultando opiniões, colhendo sugestões, apontando realidades, aplaudindo tudo o que de bom surgir e rotulando os defeitos do que porventura se apresentar e merecer ser apontado como defeituoso.

Não seremos um jornal fechado. Pedimos e agradecemos a colaboração de todos os espinhenses que queiram utilizar as nossas colunas, desde que obedçam aos princípios de elegância, objectividade e lealdade que nos norteiam.

Queremos levar a todos os espinhenses que labutam fora da sua terra o prazer da notícia de tudo quanto se passa cá por casa.

Procuraremos ser, junto dos veraneantes que anualmente nos procuram, um boletim informativo das boas coisas que os esperam em cada época balnear.

E esforçar-nos-emos por dar a conhecer a todos os que se interessam pelo nosso desenvolvimento um relato permanente e actual da vitalidade plurifacetada das actividades espinhenses — comercial, industrial, turística, social e desportiva.

Eis, em síntese, quo vamos.

AMADEU MORAIS

NESTE NÚMERO: INQUÉRITO

- * O que pensa da utilidade de um jornal da terra?
- * Quais os assuntos que gostaria que ele tratasse?

O PROBLEMA DA SAÚDE

«A Saúde, segundo os peritos da Organização Mundial de Saúde, é um estado de completo bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade».

A Saúde é, pois, a nossa maior riqueza, o nosso maior capital, o nosso primeiro objectivo. Que interessam todas as outras riquezas, se nos falta a Saúde? Temos que lutar pela manutenção da Saúde e não, como se tem feito até agora, lutar apenas contra a doença. É uma luta de todos, para bem de todos, para bem do País, para bem da Humanidade. As doenças infecciosas transmitem-se de indivíduo a indivíduo e, por vezes, atravessam fronteiras, dizimando pessoas, originando epidemias e até pandemias. Temos que compreender que a doença é o maior inimigo n.º 1 que teremos de combater ou, melhor, evitar.

Deve-se prestar homenagem a esses indivíduos que encarcerados num gabinete de trabalho ou laboratório (como Pasteur, Koch, etc.), abdicaram de todos os prazeres para se dedicarem à luta contra a doença, descobrindo o micróbio A ou B. Alguns ainda conseguem, em vida ou após morte, a glória ou a consagração. Mas outros ficaram incógnitos, pois não viram o seu trabalho coroado de êxito, sendo apenas «soldados desconhecidos» que ajudaram a conseguir uma glória para bem da Humanidade.

Temos, como *primum movens* lutar pela Saúde e evitar que che-

gue a doença. Passar da clássica Medicina Curativa à moderna Medicina Preventiva. «Evitar vale mais que prevenir», é um velho conhecimento do povo. E até em matéria económica é mais rendável evitar que curar. Por exemplo, o custo de uma vacinação em massa é muito mais económico que curar alguns casos de Variola ou Tétano.

Muito se poderá fazer neste campo, se se compreender a nossa missão sobre a Terra: viver com Saúde e Felicidade, trabalhando para esse bem geral.

Vivemos num País em evolução, em que há muito a fazer na questão de Saúde. No nosso concelho, que mais directamente nos diz respeito, são numerosos os problemas de Saúde: mortalidade infantil, tuberculose, problemas de saneamento do meio, saúde escolar, higiene do trabalho, etc.

A Educação Sanitária, administração de conhecimentos básicos de Higiene, de conhecimentos da doença a evitar, do acidente a prevenir, é fundamental. E isto diz respeito a todos, não apenas aos profissionais da Medicina. Todos devem ser educadores sanitários: os professores, os párocos, os mais instruídos, os que desempenham cargos de comando, etc.

Em conclusão: Sem Saúde, não pode haver Felicidade, não pode haver trabalho capaz, não pode haver progresso. Devemos, pois, lutar pela promoção da Saúde.

MIRANDA VALENTE

TEMPO DE INDÚSTRIA

OPORTUNIDADE DE UMA EXPOSIÇÃO REGIONAL

As estatísticas vêm demonstrando que a Indústria constitui o mais importante sector económico do nosso país. Na realidade, é fácil verificar que a actividade agrícola, que interessou tantos dos nossos antepassados, foi cedendo terreno às fábricas, de modo que hoje mais de um terço dos nossos trabalhadores emprega-se em empresas industriais, produzindo quase 50 % do produto nacional.

Embora se descubram fábricas e fabriquetas de Norte a Sul do País, o certo é que há dois importantes polos industriais a considerar: um a sul, ocupando quase todo

o distrito de Lisboa e parte do de Setúbal, e outro a norte, abrangendo os distritos do Porto, Aveiro e Braga.

É no polo nortenho que se integra a indústria de Espinho.

E o que é a indústria espinhense?

A resposta não é difícil de dar. Basta dar uma volta por essas estradas do concelho para que se nos depare uma infinidade de telhados com chaminés metálicas, o ex-libris convencional das unidades fabris. Indústrias extracti-

Continua na pagina 2

Tempo de Indústria

Oportunidade de uma Exposição Regional

vas e transformadoras, mais destas do que daquelas, de quase tudo um pouco.

E qual o interesse de todas estas fábricas?

Em maior ou menor escala, todas elas participam no desenvolvimento económico da região. Em maior ou menor escala, todas elas escoam os seus produtos para o grande lote de bens, que a sociedade de consumo, carente ou motivada, procura para dar satisfação às suas mais diversas necessidades e comodidades.

Como é que se pode avaliar o valor dessas unidades industriais?

Como é que elas interessam os respectivos mercados?

Não vou fazer aqui a análise de quais são as mais ou menos importantes, pois faltam-me dados necessários para as devidas conclusões. É que já lá vai o tempo em que se avaliava a grandeza de uma unidade fabril pela área que ocupa, ou pelo número de pessoas que emprega, ou então pela potência instalada. Há por aí tantas fábricas a ocupar imenso espaço, com muita área coberta, centenas de empregados e muitos motores instalados, só porque não estão devidamente racionalizadas.

O valor de uma empresa fabril, o que faz a dimensão certa de uma unidade, é o mercado que conquista, o nível técnico-científico com que trabalha, a rapidez com

que amortiza o que investe, a intensidade com que reinveste para o futuro (1).

O valor de uma empresa fabril conclui-se pelas respostas que o seu empresário dá às seguintes perguntas:

— *Quanto por cento de valor acrescentado contém a produção da sua fábrica?*

— *Quanto está acima da média nacional o salário médio que paga à sua gente?*

— *Qual a velocidade com que faz a reintegração do seu capital investido?*

— *Qual a taxa de formação de capital bruto na sua empresa?* (2)

É realmente o conjunto das respostas às quatro interrogações formuladas que dá a ideia, praticamente exacta, do valor da indústria espalhada pela região espinhense.

Quanto à forma como as unidades industriais colocam os produtos da sua laboração junto dos consumidores, por certo que ela se adapta às normas do marketing, método científico de detecção e de conquista rendável do mercado da empresa (3), que sugere variadas atitudes ao empresário, como, por exemplo, a presença em feiras e exposições.

Verdade que nem todo o industrial tem hipóteses, ou talvez ainda nem sequer pensou, em ir expor aos certames, normalmente inter-

nacionais, os resultados das suas laborações.

E por que não pensar em erguer em Espinho uma exposição industrial, incluindo artesanato, aproveitando o mês de Agosto, quando por cá se avolumam os visitantes?

Por que não integrar essa exposição nas Festas de Verão?

Não seria bem valiosa uma exposição regional onde se atraíssem os visitantes para apreciarem a diversidade de bens produzidos na região de Espinho?

Redes e têxteis sintéticos. Plásticos e fósforos. Confecções. Móvel e tapeçaria. Produtos metalúrgicos e de metalomecânica. Botões e bijutarias. Artes gráficas e fotografia. Artesanato e até uma parte documental relativa a outras actividades de carácter educacional e desportivo.

São muitos os fabricos que podem constituir uma amostra capaz de divulgar, com todo o interesse, as potencialidades da região espinhense, que caminha para se definir como um baluarte do polo industrial nortenho.

ARMÉNIO GOMES

(1,2) in «Caminho de País Novo» — Eng.º Rogério Martins.

(3) Marketing, segundo a definição de H. Joanis.

DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR
BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR
ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO
CARLOS PINHEIRO MORAIS
CARLOS SÁRIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA 19 — N.º 62
TELEFONE 921525
ESPINHO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA SEQUEIRA
RUA JOSÉ FALCÃO, 122
PORTO

COLABORARAM NESTE NÚMERO:

ARMÉNIO GOMES
JOÃO ALVES QUINTA
JERÓNIMO REIS
ROLANDO SOUSA
CARLOS DE MORAES
A. J. MIRANDA VALENTE
ALBERTO BARBOSA (BEKA)
VIRGÍLIO LACERDA
VIRGÍLIO DIAS
MARÇAL DUARTE

Pardieiros

e Habitações

Curiosamente, dentro do aspecto geral de habitação, Espinho não está gravemente afectada por grande índice de casas de lata. As relativas possibilidades de alojamento estão quase suficientemente garantidas pelas casas existentes dentro e nos arredores da vila.

Porém já existe uma situação crítica difícil de resolver por se ter vindo a permitir a proliferação de construções clandestinas de baixo nível, autênticos pardieiros, que já ultrapassam a centena.

Ora o Município ao ter que construir casas económicas para transferir as famílias que nas deficientes habitações vivem, terá que suportar pesado encargo mesmo que consiga verbas do Governo para minorar o valor total a investir.

Não conseguimos entender porque razão não actua o Município com pulso firme para impedir o aumento do que é motivo de medidas drásticas nas grandes urbes sem que se consiga debelar o flagelo facilmente.

Merece reflexão serena, por parte de quem de direito, este melindroso assunto, atendendo à progressão onerosa que tem vindo a constituir o aumento permitido da proliferação das casas de lata. Deve merecer a pena usar uma disciplina implacável se se pretende manter a nossa terra jovem, moderna e pretensiosa, decentemente apresentável, e livre de tal flagelo.

Outro aspecto merecedor de pronta acção camarária é o estado lastimá-

vel em que se encontram alguns prédios dentro da vila. O Regulamento n.º 1 sobre construções, subordinado às disposições do Regulamento geral das edificações urbanas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 33382 de 7/8/51 é do seguinte teor, no Capítulo III, acerca da conservação das edificações:

Art.º 32.º — Todos os proprietários ou usufrutuários das edificações existentes na área deste concelho são obrigados, de cinco em cinco anos e anunciados por meio de editais, a mandar reparar, pintar, calar as suas fachadas das janelas e empenas e telhados ou coberturas, bem como os muros de vedação de qualquer natureza, barracas, telheiros, etc.

§ 1.º — Juntamente com as reparações e beneficiações a que se refere este artigo serão reparadas as canalizações tanto interiores como exteriores de água, esgotos e de escoamento de águas pluviais; as escadas e quaisquer passagens de serventia dos prédios; lavadas e reparadas as serventias cantarias, azulejos e todos os revestimentos e motivos de ornamentação dos prédios; pintadas as portas, caixilhos, persianas, contra vedações, bem como os respectivos aros e gradeamentos, tanto das fachadas como dos muros de vedação; e bem assim serão feitas as reparações e beneficiações necessárias para manter as edificações em boas condições de utilização.

Art.º 33.º — A Câmara Municipal, no princípio de cada ano, tornará público quais os prédios ou zonas em que devem ser efectuadas as obras referidas no art.º anterior.

Art.º 34.º — Findo o mês de Junho, salvo os casos de prorrogação devidamente autorizada, serão os responsáveis que não tiverem dado cumprimento a essa determinação intimados a dar início às obras no prazo que lhes for designado.

§ Único — As obras de que trata este capítulo não podem ser interrompidas salvo caso de força maior devidamente comprovado.

Art.º 35.º — Sempre que verifique que qualquer construção não se encontra no devido estado de conservação, a Câmara, em qualquer altura, poderá intimar os responsáveis a procederem às obras necessárias no prazo que para esse fim lhes for designado.

Se a memória não nos atraiçoa, nunca, desde Agosto de 1951, foram afixados editais a tornar público quais os prédios a necessitar de beneficiações. Daqui se infere que os prédios sempre têm estado impecáveis! O que não é verdade conforme é do conhecimento geral.

Aqui fica a questão ao julgamento de quem de direito.

ALMEIDA CAMPOS

O PASSADO E O PRESENTE

Depois do aniversário e no limiar da nova fase, da «Defesa de Espinho», devemos algumas palavras de homenagem e gratidão.

Compreendemos que pelo caminho percorrido, árido e difícil, ficaram muitos sonhos que se não materialisaram, muitas esperanças que não se concretizaram. Todavia pressentimos também que ficaram muitas alegrias, êxitos e realizações, e a serenidade que advem de uma missão que se procurou cumprir.

A vida é assim mesmo, alician-te porque é feita de contrastes permanentes, do fácil e do difícil, do bom e do mau, do que se ganha e do que se perde, de desilusões e de alegrias.

Mas, numa constante permanente, o Homem sonha, cria e realiza; novos anseios se produzem, novas esperanças desabrocham, novas motivações surgem no espírito.

A vida deste jornal que tem procurado ser positivo na luta constante por um Espinho maior, esforçando-se por encarar os problemas iminentes ao crescimento da sua terra dentro das suas possibilidades, dando atenções, dando notícias, colocando em evidência os factos relevantes e levando a tanto os espinhenses ausentes a

Continua na página 11

CINEMA

SABER ESTAR E SABER VER

Ao principiarmos a secção de Cinema da DEFESA DE ESPINHO impõe-se-nos o dever de dizer ao que vimos e quais os factores que nos interessa realçar, o modo como devemos apreciar e entender o Cinema.

Informar e esclarecer serão propósitos de que não poderemos esquecer as dificuldades, desde as limitações próprias aos condicionamentos do meio e das circunstâncias e também do âmbito do jornal.

Informar, salientar os filmes que sabemos com interesse e que tantas vezes passam despercebidos, nos cinemas da nossa terra, e esclarecer, ajudar e ver para além do colorido magnífico das superproduções, da categoria das grandes vedetas e do poder esmagador das grandes campanhas de publicidade.

É nossa intenção servirmo-nos de excertos das críticas publicadas e assinadas por autores que a prática de confronto entre o que escrevem e o que depois vemos, nos dão garantia de seriedade e competência, bem como de trabalhos de reconhecida idoneidade acerca de um ou outro realizador, conforme a oportunidade ditada pelo filme a salientar.

Dizendo ao que vimos e o modo como pretendemos cumprir a missão que nos cabe, devemos, no entanto, acentuar a vontade de nunca esquecermos uma qualidade tão benéfica para aquelas pessoas sempre preocupadas em saber algo mais, e que é a humildade. Tudo o que escrevermos e escolhermos será feito num tom de humildade sincera de quem quer comunicar e aprender mais, arredando para longe os ares de sabichão, procurando simplesmente ser útil.

Pois vamos ao cinema, amigos, mas logo de entrada temo-nos de fixar numa realidade constatada nos cinemas da terra que prejudica quem compra o seu bilhete para ver o filme, dentro do sossego próprio, da quietude necessária. Não é novidade alguma o afirmarmos que nos últimos tempos, principalmente nos dias de casa cheia,

se torna quase impossível aguentar a serenidade, tamanha é a barulheira e a inconveniência dos disparates, atirados no silêncio da sala como autênticas pedradas. Mas não se julgue que o disparate tem exclusivo só para os dias de «tiros e socos», não senhor, tudo é passado a fio, nada escapando ao despropósito e à má educação. Tudo decorre como se houvesse uma necessidade de exteriorizar toda uma gama de frustrações, de desequilíbrios. No fim, todos o sabem e o sentem, é uma questão de desrespeito pelo próximo, de saber ocupar o seu lugar, de saber estar numa sala que é de todos e para todos. Sim, é uma questão de educação que nos faz meditar e nos traz a tristeza.

Uma tentativa, através de folhetos e da projecção de diapositivos, poderia dar uma achega ao problema, e não falamos em solução, porque sabemos bem das implicações que o assunto tem. Pelo menos, muitos teriam de enfrentar uma acusação ao incómodo e ao mau-estar que provocam com o seu não saber estar num cinema.

Saber ver cinema não se aprende em duas lições, nem com a leitura assídua de críticas. É um trabalho de humildade, de renovação constante, de contra posição, de formação geral, de aprendizagem, que não se compadece das auto-suficiências, do gosto ao não gosto, do distrair ou não distrair, um trabalho de procura da verdade da história que o realizador nos conta, das implicações dessa verdade, do modo e dos meios de que ele se serve para fazer a sua narrativa na linguagem das imagens, de análise da utilidade da obra, do nível artístico atingido.

Leitor amigo, vamos aprender a saber ver cinema?

G.

Dos filmes a exhibir brevemente em Espinho,

RECOMENDAMOS:

«UM VIOLINO NO TELHADO»
«CABARET»

Saudação

A DEFESA DE ESPINHO, a partir de hoje, passa a reger-se por normas diferentes daquelas a que os seus leitores estavam habituados, o que é natural, uma vez que a sua Direcção mudou.

Nova gente vem agora encher as colunas, às quais se tentará imprimir uma dinâmica diversa da anterior, visando sempre os superiores interesses de Espinho.

Sabendo perfeitamente o que, para quem está fora da sua terra, representa de satisfação receber notícias a seu respeito, estar tanto quanto possível a par dos seus acontecimentos mais importantes, é nossa preocupação desenvolver bastante o aspecto noticioso local.

O leitor que habita em Espinho e, por isso mesmo, está inteiramente ao corrente do seu dia-a-dia, poderá considerar um tanto ou quanto fastidiosa a leitura dessas notícias que comentou em casa, à mesa do café, durante o encontro ocasional no meio da rua. Mas confiamos que compreenderá perfeitamente a ânsia dessas notícias por parte dos conterrâneos que de cá estão longe.

É para satisfação desses leitores de longe que tentaremos dar o maior desenvolvimento à parte noticiosa local. Só quem nunca esteve longe dos seus familiares, dos seus amigos, dos seus ambientes mais conhecidos, poderá pôr reticências a este nosso intuito.

Recanto

Recanto será o espaço do nosso jornal dedicado à Poesia. A principiar, como prova do nosso respeito e da nossa admiração, um poema de CARLOS DE MORAES.

IMPERFEIÇÃO

Não me perguntem porque sou assim!
Que importa
Que eu seja assim, ou seja de outro jeito?
— Peregrino que bate à sua própria porta,
Eu sou da Imperfeição o intérprete perfeito.

Eu sou o portador de mágoas supremas,
Que guardo, avaramente, no meu peito
Como se fossem gemas
Do labor mais perfeito...
— Eu sou o Prometeu que sente orgulho
Da bárbara doçura das algemas,
Pois é com esse estranho mel,
Colhido em cálices de fel,
Que tço as rimas para os meus poemas
E dou ar livre, e sol, às sombras do meu peito.

Eu sou o Poeta insatisfeito,
O torturado, o contrafeito
Em busca da suprema Perfeição...
— O visionário que ainda sonha e espera,
E que abre, de par em par, seu coração
A toda a dor sincera!...

Nesta hora de amargura rude e austera,
Eu sou o Intérprete Perfeito
Da humana Imperfeição!...

ESPINHO CULTURAL

ESPINHO CULTURAL — O DESERTO GEOMETRICO

Cultura, s. f., (Al. Kultur) — desenvolvimento intelectual; saber, estudo, instrução, elegância, esmero.

in Dicionário Complementar da Língua Portuguesa, de A. Moreno.

A Civilização Romana, ao criar o urbanismo geométrico, considerou-o como a forma ideal, perfeitamente adaptada a uma convivência total entre os habitantes de uma cidade e — aqui estamos no ponto fulcral — ao seu convívio cultural.

Espinho adoptou o modelo romano mas — para nossa desgraça — só urbanisticamente! Quanto ao resto... ficámos nas intenções (mais uma vez!). Se a tecnologia moderna concebesse um aparelho

(tipo contador Geiger) que assinasse o nível cultural dum aglomerado urbano, tal máquina sentir-se-ia enormemente frustrada ao entrar na nossa terra, pois emitiria, quando muito, uns débeis sons que logo se calariam. A quem atribuir as culpas de tal «silêncio»? A todos nós, habitantes desta culturalmente amorfa urbe. (Amorfa mas alegre, graças a Deus!).

Bom, mas deixemo-nos de considerações e desejos mais ou menos utópicos, e vamos ao que realmente interessa:

Pergunta A — Que iniciativas culturais tem havido em Espinho?

De há 10 anos para cá, contam-se pelos dedos duma só mão. Senão, vejamos:

Tivemos 2 Concursos de Artes e Letras dedicados à camada jovem. É pouco, mas já não seria nada mau. Mas... (há sempre um «mas»!) Mas a chamada «camada jovem» incompreensivelmente — ou melhor *compreensivelmente!* — não aderiu. Aliás, inseridos no «cafézeiro» ambiente de Espinho, o contrário é que seria de admirar.

Há dois anos houve uma admirável e curta série de colóquios na A.A.E.. Qual a percentagem da população de Espinho que assistiu, ou, pelo menos, soube da existência destes colóquios? Sou muito optimista se disser que, talvez nem 2 ou 3%. Falta de publicidade desses colóquios? Não! Pois se até foram postos cartazes nos cafés!!!

Continua na página 10

CRUDASPINHO — Sociedade de Empreendimentos Turísticos, S. A. R. L.

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: 15 600 000\$00

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

4.º Exercício — 1972

Senhores Accionistas:

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias, o Conselho de Administração tem a honra de submeter à apreciação de V. Ex.ª o relatório, balanço e contas do 4.º exercício, findo em 31 de Dezembro de 1972.

1.º — Em quatro anos de actividade constante a Sociedade já ultrapassou em mais de 7.500 contos as obrigações contratuais assumidas perante o Estado, sendo de salientar os avultados dispêndios com as importantes obras efectuadas no edifício do Casino e com a aquisição de bens de reequipamentos, que proporcionaram às nossas instalações uma maior valorização e uma melhor adequação às funções e objectivos da Empresa e ao bem estar e conforto dos seus Clientes.

2.º — De registar que no decurso do exercício em apreciação se operou um acréscimo tributário do imposto especial sobre o jogo e ainda o pagamento do imposto para a Defesa e Valorização do Ultramar que se cifrou em 2.112.093\$00, relativo aos anos de 1969 a 1972 e teve também lugar um agravamento nos encargos gerais de exploração, designadamente a rubrica «ordenados do pessoal da sala de jogos», motivado pela entrada em vigor do novo Acordo Colectivo de Trabalho.

3.º — Não obstante tais encargos a Administração consciente da sua missão e dos deveres e obrigações à mesma inerentes, continua promovendo a elevação do nível do funcionamento de todas as dependências do Casino, numa preocupação constante de proporcionar à zona de Espinho uma continuidade da sua valorização turística.

4.º — Na senda das suas realizações a Sociedade organizou e subsidiou durante o ano de 1972 diversas manifestações artísticas e festivas no Salão de Festas, proporcionando aos frequentadores do Casino e à população de Espinho espectáculos de agradável nível.

Manteve-se o Cine-Teatro aberto ao público durante o período de Inverno sempre com melhoria nos programas apresentados, propósito que sempre nos tem animado e que julgamos ter sido alcançado.

5.º — A semelhança dos anos anteriores, colaboramos com as instituições humanitárias e de assistência e com as colectividades de cultura e desporto do concelho de Espinho, cedendo gratuitamente as nossas instalações, orquestras e variedades e prescindindo totalmente das receitas.

6.º — O Conselho de Administração está consciente de que fez tudo quanto estava nas suas possibilidades para realizar a gestão mais apropriada aos interesses do que representa hoje a actividade turística do País, estando nos planos da Administração investir a reserva já existente de 3.500 contos e a que agora propomos, de 6.000 contos, em melhoramentos turísticos da região, contribuindo assim, para o desenvolvimento e fomento da vila de Espinho e de toda a sua progressiva e encantadora zona.

7.º — RESULTADOS

O lucro líquido apurado no fim do exercício foi de 6.319.179\$12, o que, com o saldo do exercício anterior, totaliza 6.349.636\$58.

Para este lucro propomos a seguinte aplicação:

5 % s/ 6.319.179\$12 para o Fundo de Reserva Legal	315.950\$00
Reserva Especial	6.000.000\$00
Saldo para Conta Nova	33.677\$58
	<u>6.349.636\$58</u>

8.º — Desejamos manifestar e reafirmar o testemunho da nossa gratidão e reconhecimento ao Ex.mo Conselho de Inspeção de Jogos, pela compreensão que lhe têm merecido os nossos problemas e à muito Digna Câmara Municipal de Espinho e às demais prestigiosas entidades da Vila, pelo apoio e estímulo que têm dado aos nossos anseios e realizações.

Ao findarmos este relatório, não podemos deixar de registar e de agradecer a valiosa colaboração constante e leal, que nos foi dada pelos membros do Ex.mo Conselho Fiscal.

A todos os empregados da Sociedade, cooperadores devotados e permanentes, expressamos igualmente o nosso agradecimento, deixando aqui uma palavra de apreço e de louvor pelo zelo e dedicação com que serviram a nossa Sociedade.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Francisco Baptista Russo — Presidente
David de Sousa
Carlos Nunes Chafirovitch

Balanço Geral em 31 de Dezembro de 1972

ACTIVO

Disponível	
Caixa e Bancos	27 924 234\$30
Valores Selados	1 094\$50
Total Activo Disponível	27 925 328\$80
Realizável	
Devedores	92 338\$50
Inventários (Existência)	397 040\$48
Total Activo Realizável	489 378\$98
Gastos Diferidos	
Depósitos em Garantia	5 000\$00
Contas de Ordem	
Taras Alheias	39 606\$30
TOTAL ACTIVO	28 459 314\$08

O Técnico de Contas

Manuel Couto Rodrigues da Silva

PASSIVO

Exigível a Curto Prazo	
Credores	599 459\$90
Provisões	
Pagamento Direitos Alfandegários	622 000\$00
Pagamento Imposto Def.ª e Valorização do Ultramar	1 000 000\$00
Situação Líquida	
Capital Inicial	6 000 000\$00
Capital — Aumento	9 600 000\$00
Acumulada	
Fundo de Reserva Legal	748 611\$30
Reserva Especial	3 500 000\$00
Adquirida	
Resultados do Exercício	6 319 179\$12
Saldo do Exercício Anterior	30 457\$46
Contas de Ordem	
Credores por Taras Alheias	39 606\$30
TOTAL PASSIVO e SITUAÇÃO LÍQUIDA	28 459 314\$08

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Francisco Baptista Russo — Presidente
David de Sousa
Carlos Nunes Chafirovitch

Desenvolvimento da Conta «RESULTADOS»

em 31 de Dezembro de 1972

DÉBITO

Mercadorias	1 331 096\$85
Encargos com os órgãos sociais	874 245\$85
Remunerações e outros encargos com o pessoal	7 172 040\$80
Publicidade no País	82 502\$50
Propaganda no estrangeiro (art.º 14 — n.º 5 — Decreto-Lei n.º 48912)	384 784\$80
Encargos fiscais e parafiscais	4 280 049\$00
Donativos	160 168\$70
Subsídios a colectividades locais (cláusula 5.ª contrato de concessão)	100 000\$00
Subsídios a Festas de Verão: (Art.º 14 — n.º 4 — do Decreto-Lei n.º 48912)	400 000\$00
Imposições legais (obras equipamento e reequipamento) (cláusula 4.ª contrato de concessão)	180 813\$10
Despesas Administrativas	464 692\$70
Outras Despesas	3 211 676\$28
Previsões	1 000 000\$00
Saldo:	
Do ano anterior	30 457\$46
Do exercício	6 319 179\$12
	<u>6 349 636\$58</u>
	<u>25 991 707\$16</u>

CRÉDITO

Saldo do ano anterior	30 457\$46
Exploração geral	25 961 249\$70
	<u>25 991 707\$16</u>

O Técnico de Contas,

Manuel Couto Rodrigues da Silva

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

Francisco Baptista Russo — Presidente
David de Sousa
Carlos Nunes Chafirovitch

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

De acordo com os preceitos legais e estatutários, procedemos ao exame periódico da escrituração da Sociedade, tendo-a encontrado sempre na melhor ordem.

No relatório que acompanhou o balanço e contas encontram V. Ex.ª exposto com clareza o que foi a actividade da Empresa durante o exercício de 1972. Devidamente apreciados, constatamos a sua exactidão, pelo que os mesmos merecem a nossa inteira aprovação, bem como a valorimetria adoptada por se enquadrar de conformidade com o critério estabelecido por Lei.

Nestes termos, temos a honra de propor:

- 1.º — Que aproveis o relatório, balanço e contas apresentados pelo Conselho de Administração;
- 2.º — Que aproveis a sua proposta sobre a aplicação do lucro do exercício;
- 3.º — Que aproveis um voto de merecido louvor à Ex.ma Administração, pela eficiente e superior orientação como sempre geriu os negócios da Sociedade:

Joaquim Flores da Silva — Presidente
João Dionísio — Vogal
Maria Eliza Vaz de Sousa — Vogal

A concessionária do Casino excedeu em cerca de oito mil contos as suas obrigações. Mais do que cumprir um contrato, visou-se o progresso e o engrandecimento de Espinho

Conhecido o valor e a importância que a actividade turística adquiriu, hoje, no contexto económico do País, é de louvar que as terras, em particular, apreciemos saber o que uma das suas actividades mais representativas significa, efectivamente, no contexto geográfico em que está inserida. Na linha inicialmente adoptada, revelamos alguns dados relativos a despesas e obrigações suportadas por esta empresa ao longo destes quatro anos. É-nos grato poder referir que os números mais do que as palavras constituirão a melhor afirmação da acção que esta concessionária levou a efeito. Mais do que cumprir um contrato, houve a preocupação em se estar atento às necessidades e anseios de Espinho e criar um clima de cooperação e abertura a todas as iniciativas e realizações representativas da terra ou que visassem o seu engrandecimento e projecção. Repetidas vezes e em variados sectores, foi-se força promotora e permissiva de acontecimentos e actividades quer através de participações e subsídios, quer pela cedência gratuita das nossas salas e pessoal. Houve, pois, forte preocupação dentro do âmbito da concessionária que a sua acção não se limitasse às obrigações contratuais, mas se estendesse e fizesse sentir, paralelamente, em todos os aspectos relevantes da vida espinhense: cultural, literária, recreativa e contribuisse para uma maior afirmação da vila como estância turística e centro de atracção. O facto é tanto mais de salientar, sabendo-se que a actual concessão da zona de jogo foi adjudicada apenas por cinco anos. Só a orientação assinalada nos possibilita referir que durante estes quatro anos de exploração (1969-1972) a actual concessionária tenha excedido em 7.774.767\$70 as obrigações constantes do seu contrato com o Estado. Na verdade, as obrigações contratuais cifravam-se em 8.900 contos e, contudo, esta Sociedade dispendeu 16.674.767\$70, montante que, discriminativamente, teve a seguinte distribuição:

Obrigações da concessionária, subsídios concedidos e outras participações, durante os 4 anos de exploração (1969 a 1972)

N.º 4 DA CLÁUSULA 4.ª DO CONTRATO DE CONCESSÃO

Entrega ao Fundo de Turismo 3 000 000\$00

COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DE ESPINHO

Festas de Verão	990 000\$00	
Stand de Tiro	100 000\$00	
Publicidade Radiofónica	30 000\$00	
Torneio de Tiro ao Voo do Aero-Clube da Costa Verde	50 000\$00	
Publicidade no Concurso Hipico	3 000\$00	1 173 000\$00

PROPAGANDA NO ESTRANGEIRO

(Fomento Turístico da região onde se situa a concessão)

Execução de folhetos, cartazes, Placards «Tipo Red» e diversa publicidade na Rádio e Imprensa 918 227\$30

SUBSÍDIOS A COLECTIVIDADES DE CULTURA E DESPORTO E INSTITUIÇÕES HUMANITÁRIAS E DE ASSISTÊNCIA

Sporting Clube de Espinho	149 460\$00
Associação Académica de Espinho	152 957\$30
Santa Casa da Misericórdia de Espinho	88 910\$00
Centro de Assistência Social de Espinho	128 789\$50
Patronato da Divina Providência de Espinho	20 000\$00
Bombeiros Voluntários de Espinho	39 000\$00
Bombeiros Voluntários Espinhenses	35 000\$00
Aero-Clube da Costa Verde	22 500\$00
Academia de Música de Espinho	20 000\$00
Oporto Golf Clube	8 000\$00
Grupo Bem-Fazer de Espinho	72 340\$40
Liga dos Combatentes da Grande Guerra	8 000\$00
Clube Futebol União de Lamas	25 017\$10

OUTROS SUBSÍDIOS

Banda de Música de Espinho	9 000\$00
Igreja Matriz de Espinho	15 000\$00

A Transportar 793 974\$30

Transporte	793 974\$30	
Festa N.ª S.ª da Ajuda	10 000\$00	
Liceu Nacional de Espinho	8 135\$00	
Mocidade Portuguesa de Espinho	3 525\$00	
Cruz Vermelha Portuguesa	5 000\$00	
Festas de S. Martinho de Anta	3 000\$00	
Tuna Musical de Anta	2 500\$00	
Grupo Columbófilo de Anta	1 160\$00	
Festas de S. Pedro de Espinho	2 000\$00	
Irmandade S. Pedro de Espinho	6 000\$00	
Comissão Venatória de Espinho	1 286\$00	
Clube Académico de Espinho	3 200\$00	
Natal da P.S.P. de Espinho	2 000\$00	
Estudantes de Artes Decorativas	500\$00	
Escola Feminina N.º 1 de Espinho	10 100\$00	
Grupo Cultural e Recreativo de Paramos	1 100\$00	
Rancho de Gulpilhares	500\$00	
Bombeiros Voluntários de Lourosa	500\$00	
Diversos	3 959\$50	858 439\$80
OBRAS, EQUIPAMENTO E REEQUIPAMENTO		10 725 100\$60
TOTAL		16 674 767\$70

OBRIGAÇÕES DA CONCESSIONÁRIA (durante 4 anos)

FUNDO DE TURISMO	3 000 000\$00	
PLANO DE OBRAS	3 500 000\$00	
PROGRAMA ANUAL	2 000 000\$00	
CLÁUSULA 5.ª CONTRATO CONCESSÃO	400 000\$00	8 900 000\$00
TOTAL EXCEDIDO		7 774 767\$70

Apoiou e participou ainda esta Sociedade com cedência de instalações, espectáculos, filmes, pessoal, etc., as mais diversas entidades e colectividades, de que resultaram encargos no total de 256.785\$00, conforme se indica:

Comissão Municipal de Turismo de Espinho	10 000\$00
Associação Académica de Espinho	42 800\$00
Sporting Clube de Espinho	20 085\$00
Academia de Música de Espinho	48 000\$00
Grupo de Bem-Fazer de Espinho	45 000\$00
Aero-Clube da Costa Verde	1 500\$00
Clube Futebol União de Lamas	13 400\$00
Escola Feminina N.º 1 de Espinho	3 000\$00
Centro de Assistência Social de Espinho	52 500\$00
Liceu Nacional de Espinho	5 000\$00
Mocidade Portuguesa de Espinho	3 000\$00
Concurso de Construções na Areia	10 000\$00
Clube Académico de Espinho	2 500\$00
TOTAL	256 785\$00

É de realçar, por último, que no plano de obras, ultrapassou-se largamente a verba obrigatória que era de 3.500 contos. Com efeito, o custo total das obras efectuadas, que mereceram do Conselho de Inspeção de Jogos a melhor referência, do equipamento e reequipamento, cifrou-se em 10 725 100\$60 ou seja, mais 7 225 100\$60 do que o montante contratualmente estipulado. As várias dependências e salas do Casino possuem agora os melhores requisitos e condições e tornaram-se em locais verdadeiramente confortáveis e aprazíveis. Além dos subsídios da cláusula 5.ª (400 contos), concedeu também esta Sociedade outros, cujo montante totalizou 458 439\$80.

Os aspectos focados, nomeadamente, o ter-se excedido significativamente as cláusulas relativas a obras e a subsídios, bem como o apoio múltiplo prestado às entidades e colectividades locais, reflectem não só uma linha de rumo procurada, mas também uma gestão em que mais do que se cumprir um mero contrato, se visou o progresso e o desenvolvimento de Espinho.

UVA

Porto - Gaia - Espinho Régua - Torres Vedras

Vinhos Verdes, Maduros e Ro-se-le Aquisição directa na origem

Para as Ex.mas Donas de casa uma garantia de qualidade em **Qualidades esmeradas**

garrações de 5 litros, garrafas, meias e quarto

À venda nos bons

estabelecimentos

Recomendamos também o nosso Vinagre feito de vinhos puros e em garrafas de vidro com rolha recuperável e também em luxuosas bilhas de plástico.

Vinho Puro...

Alimento Puro...

Fábrica Progresso

Manuel Francisco da Silva & C.a, L.da

Esmaltagem — Alumínio — Fundição

Serralharia mecânica e civil

Louças esmaltadas e de alumínio — fogões a gás

Banheiras esmaltadas — Placas esmaltadas

Cofres — Ferros de engomar

Exportação para o Ultramar

Tele

gramas: **FÁBRICA PROGRESSO**

P. P. C. 920027 e 920257 — ESPINHO

INQUÉRITO

O QUE PENSA DA UTILIDADE DE UM JORNAL DA TERRA? QUAIS OS ASSUNTOS QUE GOSTARIA QUE ELE TRATASSE?

Dentro da nova orientação que se pretende agora imprimir ao nosso jornal, e para lhe emprestar uma maior vivacidade e diversidade, ao mesmo tempo podendo auscultar assim a opinião pública das diferentes camadas da população espinhense, decidiu-se realizar alguns inquéritos em que serão postos no pelourinho problemas candentes da nossa terra.

Resolvemos começar cá pela casa, pois o colher das primeiras opiniões até poderá ajudar-nos a buscar um melhor caminho na nossa orientação. Elaborámos duas perguntas e fomos abordar pessoas dos mais diversos sectores. São as seguintes as questões postas:

1.^a — O QUE PENSA DA UTILIDADE DE UM JORNAL DA TERRA?

2.^a — QUAIS OS ASSUNTOS QUE GOSTARIA QUE ELE TRATASSE?

Passamos a transcrever as respostas recebidas, que se seguem à identificação dos inquiridos.

António Mendes da Silva, banheiro.

1.^a — Julgo que é indispensável um jornal.

2.^a — Assuntos que interessem só ao engrandecimento de Espinho.

Manuel Soares Mota, médico.

1.^a — Acho absolutamente necessário para desenvolvimento e propagação da terra.

2.^a — Terá de ser, segundo a minha opinião, um jornal de carácter informativo, não menosprezando o aspecto cultural.

João Brandão Barbosa, industrial.

1.^a — O jornal de uma localidade sente o palpitar do coração de todas as actividades ao serviço de uma vasta zona.

Ao mesmo tempo serve para o aperfeiçoamento intelectual e para a melhoria do comportamento cívico do seu povo.

2.^a — Que eduquem e ensinem, bem como os que se relacionam com o progresso de Espinho e seu concelho.

Amândio Sousa, empregado bancário.

1.^a — Muito útil pela informação que pode dar aos naturais aqui residentes e especialmente aos ausentes, que de outra maneira pouco e mal seriam informados das notícias da sua terra. Será muito útil também se pugnar por tudo quanto possa engrandecer a sua terra.

2.^a — Notícias de interesse local e aquelas que, embora fora da sua esfera, tenham interesse geral.

António José Miranda Valente, médico.

1.^a — Um jornal válido é sempre de grande utilidade para a sua terra.

2.^a — Problemas que interessem à promoção da terra, como os de saúde, turismo, urbanismo, arquitectura, etc., e assuntos culturais, incluindo crítica teatral e de cinema, de ballet, e ainda problemas desportivos.

João Lopes da Fonseca, comerciante.

1.^a — Penso que uma terra como a nossa não pode dispensar um jornal semanal como o é a «Defesa de Espinho», dando-nos informações, cultura e pugnando pelos nossos interesses, evidenciando o nosso desenvolvimento.

2.^a — Que nos ponham ao corrente de todos os interesses da terra, publicando de vez em quando uma página, dando relevo ao nosso comércio, à indústria, ao turismo, e a assuntos culturais.

Adriano Cardoso, estudante universitário.

1.^a — Actualmente, cada vez tem mais importância cada terra ter um jornal, quanto mais não seja como um meio das pessoas se habituarem a uma participação nos problemas de todos. Além disso, a criação de um jornal na terra deveria filiar-se na nova Imprensa regional independente (com as limitações conhecidas por nós todos), responsável e actuante (pelo menos a nível da região).

2.^a — Numa perspectiva de assuntos ligados a Espinho e sua região, gostaria que se tratassem temas de carácter social, cultural (que cultura existe e se faz em Espinho), problemas da Juventude (o que faz? O que poderia fazer?). No entanto assuntos há que, não estando directamente ligados a Espinho, gostaria que fossem tratados com regularidade no jornal, como: cinema, banda desenhada, comentários a factos ou temas internacionais (porém, numa perspectiva justa e verdadeira).

José Almeida (Jó), empregado de escritório

1.^a — Entendo que um jornal na terra é de uma utilidade extraordinária, pois que por seu intermédio se poderão levantar e discutir problemas, apontar defeitos e virtudes e fazer crítica construtiva. Além disso, será um meio de informação para todos os espinhenses residentes fora da terra da sua naturalidade.

2.^a — Todos os assuntos que digam respeito à terra e ao desporto local.

Bernardino Gonçalves, engraxador

1.^a — O jornal é de muita utilidade não só para os da terra como para os espinhenses que vivem no estrangeiro.

2.^a — Gostaria de ler uma crónica semanal sobre a vida de Espinho há 50 anos, avivando a saudade dos espinhenses mais antigos.

Joaquim Pinheiro de Moraes, médico

1.^a — Da utilidade de um jornal, nunca se põe em dúvida a sua utilidade, a não ser que a sua orientação descambe no banal e no ridículo. Grande perigo constitui que represente «grupos de pressão» ou sirva interesses. E muito mais se poderia dizer...

2.^a — Jornal local: — assuntos locais, evidentemente. Não deixando, no entanto, de abordar os problemas de interesse geral: — culturais, na mais larga significa-

ção do termo, desportivos, etc. Mais um caso para muito se dizer e alargar em considerações. Mas o tempo é pouco e o espaço curto...

José de Sousa Marques, comerciante.

1.^a — É sempre uma valorização para Espinho, sendo necessária a sua melhoria, isto sem menosprezo para o seu Director e fundador, que foi um grande bairrista — Benjamin Dias.

2.^a — O jornal deve ser principalmente informativo sobre todos os assuntos de interesse para Espinho e seu concelho. Todos nós queremos sempre saber o que se passa no «nosso Espinho», mas os nossos conterrâneos e amigos da terra espalhados por diversas partes do mundo recebem com grande aiegría as notícias que o jornal lhes leva como um bálsamo para a sua saudade. No campo artístico e literário, também deve dedicar a sua atenção, embora mais reduzida, mas com orientação capaz.

Carlos Luís Pereira Pinto, empregado bancário.

1.^a — Um jornal independente, tanto quanto possível, é bastante útil, pois a informação sempre foi necessária. Um jornal como tem tido Espinho só tem sido prejudicial, pois limita-se a um certo partidarismo e a dar a notícia de quem faz anos dentro da semana.

2.^a — Crítica literária. Crítica a filmes anunciados durante a semana seguinte nas empresas de cinema de Espinho. Assuntos de interesse regional e outros.

Fernando Monteiro Meneses, industrial

1.^a — Com a máxima utilidade no contacto com os espinhenses ou naturais da região, radicados fora da terra natal. Poderá ser porta-voz de factos e ideias de muita utilidade junto dos seus assinantes. Da circunstância de o jornal pertencer a uma «sociedade comercial» de diversas tendências e sem fins lucrativos poderá beneficiar Espinho, uma vez que poderá ver ali tratados os assuntos mais diversos, sem submissão a interesses.

2.^a — Coluna com comentários à actualidade internacional. Desenvolvido noticiário de carácter regional, nos aspectos social, político e desportivo. Crítica por equipas especializadas aos espectáculos a realizar em Espinho na semana seguinte à saída do jornal. Secção nos moldes de «Todo o homem é meu irmão», do «Jornal de Notícias», em que fossem focados casos verificados em Espinho. Periódicas mesas-redondas, principalmente de carácter regional.

...e, sobretudo, a menor possível publicidade comercial, que se procuraria compensar por um maior número de assinantes e leitores.

Joaquim Pinto Moreira da Costa, médico

1.^a — Jornal da nossa terra (Espinho)?; da nossa terra (Portugal)? ...Atento só na primeira hipótese, por mais cómoda e não complicativa... Entendo que um

aglomerado urbano e vivencial, como é o de Espinho de hoje, tem necessidade de um jornal de informação, formação, educação e em que possam ser equacionadas e discutidas as ansiedades e o querer do seu aglomerado humano de uma forma independente, que faça sentir e ouvir o que pode necessitar essa mesma terra.

2.^a — Dos assuntos de informação e esclarecimento de problemas locais à selectividade objectiva e imparcial e casos de índole regionalista, nacionalista e mundial, que pudesse cultivar e actualizar a consciência dos seus leitores, pois tudo isso poderá servir para fazer do jornal o motivo apetecível de leitura não só para Espinho como para fora de Espinho. Que pudesse começar por ser uma voz viva e sincera da sua (nossa) TERRA, passando-se tranquila e conscienciosamente para posição de maior audiência e vivência para fora dela, seria um caminho para uma meta ambicionada, que marcaria bem o que é e o que poderá vir a ser a terra que lhe dá o nome «JORNAL DE ESPINHO».

Valdemar Neves Alves Ribeiro, comerciante.

1.^a — Terá a utilidade que os seus mentores lhe souberem imprimir. Será muito útil se for vivo, independente, com bom aspecto, que tenha muitos leitores e trate dos problemas da terra com realismo. Será pernicioso se estiver fossilizado, monocórdico e sem leitores. Um jornal ajuda a formar a imagem de uma terra.

2.^a — Assuntos de interesse colectivo, como: acessos a Espinho, programação da «cidade» para cem mil habitantes. Draga-gem e ligação directa ao mar, da Lagoa de Paramos, que se está a tornar num lago morto.

Catolino Dias Pinto, contabilista

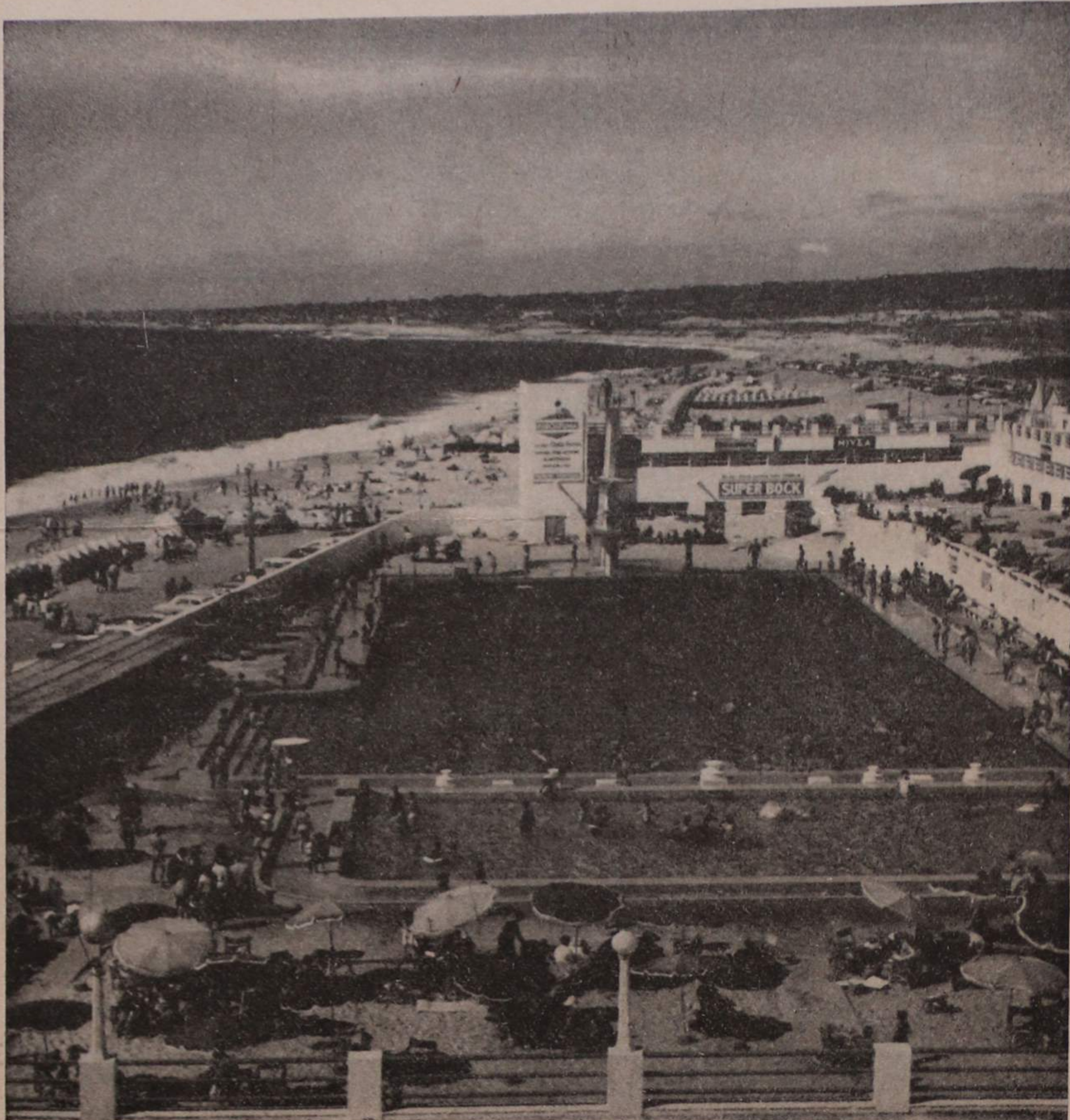
1.^a — Que, em larga medida, pode contribuir para solucionar — sem lirismos dispensáveis nos tempos que decorrem e abstraindo-se de banalidades em desuso — problemas e aspirações bem alicerçados e prudentemente concebidos.

2.^a — Em contabilidade os *Proveitos* e *Custos* conduzem-nos ao resultado final do Balanço Geral, que suportará, necessariamente, a tributação fiscal.

Aqui, *mutatis mutandis*, tal resultado advirá do saldo positivo ou negativo obtido na defesa de todos os ANSEIOS — (assuntos que gostaria que ele tratasse) — da nossa terra, Espinho. E tal saldo, indubitável e implicitamente, reflexo dos prós e dos contras da acção jornalística desenvolvida... terá de arcar — e neste aspecto ninguém nos salvará — com o apoio (PROVEITOS tão apetecidos) ou com a crítica mordaz (CUSTOS tão indesejáveis)!

Américo Gonçalves da Rocha (O Doutor), pescador

1.^a — Acho que faz bem à terra.
2.^a — Que fale da campanha e daquela coisa da festa que a Câmara fez... isso... isso da Comarca. E do nosso Espinho Valente!!!



NESTA PANORÁMICA DA NOSSA PRAIA, FOCADA DO HOTEL PRAIAGOLFE, SURGE UM DESMENTIDO EXUBERANTE DA AFIRMAÇÃO DE QUE ESPINHO QUASE NÃO TEM PRAIA. UM AREAL MAGNÍFICO A PERDER-SE NUMA GRACIOSA CONCHA CONVIDA-NOS A SERENIDADE.

A PROPÓSITO DE...

No seu suplemento de 28 de Abril último, o «*Jornal de Notícias*» dedicou, na secção «Hoje fala-se de...», quatro páginas completas a Espinho, com o título «ESPINHO: FUTURA CIDADE (DO DISTRITO) DE AVEIRO OU DO PORTO?»

Retomando um tema que já abordara em 1966, o matutino portuense procurou fazer um inquérito a diversas personalidades espinhenses sobre qual seria o seu pensamento a propósito da hipótese de Espinho vir ou não a ser integrada no distrito do Porto.

As opiniões expendidas, ora a título meramente pessoal, ora reflectindo certos sectores da vida local, foram colhidas junto de individualidades que têm ou já tiveram responsabilidades na orientação de diversas entidades locais. Nem todos afinam pelo mesmo diapásão e é aí que considero absolutamente útil a iniciativa do «*Jornal de Notícias*». O problema tem sido largamente comentado desde há muitos anos. Há quem seja a favor e quem seja contra.

Penso que, mais tarde ou mais cedo, «*Defesa de Espinho*», como órgão de informação e formação especialmente espinhense, virada de alma e coração para os problemas da sua terra, virá a abordar este assunto que já provocou muitas controvérsias. Ele é por demais importante para ficar no rol do esquecimento.

Pessoalmente, considero que a inserção de Espinho no distrito do Porto é uma realidade geográfica, acima de tudo. A quilometragem que nos separa de Aveiro e do Porto, as ligações da mais variada espécie, de ordem económica, social ou desportiva, com uma e outra destas cidades não deixam a ninguém a menor dúvida de que Espinho é um satélite da chamada Capital do Norte. Aí, faço minhas as palavras do Arq.º Jerónimo Reis: «...não poderá haver duas opiniões...».

Orgulho-me de fazer parte do grupo que mais denodadamente se bateu para que, no sector desportivo do hóquei patinado, Espinho continuasse a estar inserido no organismo portuense. Orgulho-me disso e não estou arrependido de qualquer esforço que dispensei nessa luta, luta que foi claramente compreendida superiormente. E espero que, ainda no sector desportivo, se venham a verificar frutuosas as diligências já feitas para que outras modalidades que ainda estão sujeitas a jurisdição aveirense passem a integrar-se na esfera portuense, como manda a boa lógica. Até porque, ao contrário do que em tempos afirmou um dirigente desportivo aveirense, me recuso a admitir que Espinho possa ser considerado enteado no Porto e filho em Aveiro, se à frente dos organismos que regem o desporto estiverem pessoas conscientes e de boa formação intelectual e moral.

CARLOS PINHEIRO DE MORAIS

P A N O R Á M A

1 — Com prontidão merecedora de todos os louvores, a nossa Câmara mandou reparar todos os estragos causados na esplanada pelo mar durante as últimas investidas, coincidentes com o temporal que assolou o País.

★

2 — Também os serviços competentes iniciaram a reparação dos estragos da mesma proveniência causados na defesa frontal da nossa praia.

Bom seria que se não repetisse o mau exemplo de outras épocas e que tudo estivesse acabado antes de iniciada a época balnear.

★

3 — Parece que se pensa em estender a defesa frontal desde a piscina até à rotunda do rio largo. Oxalá se concretize este projecto.

★

4 — Espinho começa a ser invadido por turistas de toda a proveniência, nacionais e estrangeiros. O tempo que tem feito durante o corrente mês, o melhor desde que se propagandeou o Abril em Portugal, tem trazido até nós imensa gente. Esta afluência merece um comentário mais longo, que será assunto.

★

5 — Prosseguem em ritmo acelerado as obras de demolição do quarteirão expropriado pela Câ-

mara entre o Casino, a C.P., o Hotel Praia-Golf e a Rua 13.

Desaparecidos os prédios, os estrangeiros que nos visitam poderão, do seu quarto no Hotel, apreciar aquela maravilhosa construção que a C.P. tem instalada a servir de armazém de embarque de mercadorias e a manifestação de bom gosto que constitui a estação de passageiros.

Lamentamos que não possam ver o monumento ímpar que é a estação de Espinho-Praia, da linha do Vale do Vouga.

★

6 — Espinho prepara-se para receber os seus veraneantes.

Antigamente, a Páscoa era assinalada pela azáfama dos proprietários dos edifícios existentes a poente da linha, em preparar, conservar e alindar os seus prédios. Hoje, nem os de baixo nem os de cima.

Confiados na galinha dos ovos de ouro, deixam, em geral, correr o marfim!

★

7 — O Espinhense armou em fiscal de obras.

É vê-los, todos os dias, conforme as horas disponíveis, entusiasmados, a meter o nariz no buraco da passagem subterrânea que a nossa Câmara mandou abrir sob o caminho-de-ferro, na Rua 19.

Com o andar dos meses, que não serão muitos, não faltará quem desça ao túnel, para ir medindo a passo o andamento da obra.

★

8 — Não sabemos se a C.P. tem destino marcado para a preciosa «*passarelle*», que sairá daquele sítio, logo que a passagem subterrânea funcione. Mas não faltará onde colocá-la.

Aconselhamos os colecionadores a tirar fotografias à «*passarelle*», se acharem poucas as que temos cá na terra: não há postal da Avenida, do Largo da Graciosa ou da Rua 8 onde ela não figure.

★

9 — Na semana passada vimos, na Praia da Seca, junto à Cabana, um carro de bois a recolher areia extraída da praia.

Mas isto não tinha acabado já?

★

10 — A nossa feira semanal estende-se desde o seu primitivo lugar até aos terrenos fronteiros ao Hospital. Dá gosto vê-la crescer, harmonizando-se com os tempos que correm, em que tudo sobe.

Já ultrapassamos a fase da feira. Temos semanalmente um verdadeiro mercado nacional, com procura internacional, desde Abril aos fins de Setembro.

CORDEX — Companhia Industrial Têxtil S. A. R. L.

CAPITAL REALIZADO 10 000 CONTOS

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas

Dando cumprimento ao determinado na Lei e nos Estatutos, cumpre-nos submeter à vossa apreciação o Relatório, Balanço e Contas respeitantes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1972.

Contrariamente ao que prevíamos no início de 1972 — isto é, resultados que pudessem compensar o labor que dispensamos durante o ano ao desenvolvimento dos negócios da nossa empresa — vimos os nossos intentos profundamente contrariados, melhor dito, frustrados, mercê de forte instabilidade que se vem verificando na cotação do sisal.

O seu preço quase que triplicou durante o exercício (e assim se mantém); mas como se isto não bastasse para causar uma intensa perturbação na nossa indústria — esta matéria-prima básica dificilmente se encontra hoje nos nossos mercados ultramarinos (Angola e Moçambique) — tivemos de começar a importá-la da Venezuela e Brasil, com manifestos e avultados prejuízos para a economia nacional dada a saída de divisas a que estas importações conduzem e às quais nunca admitimos ter de recorrer.

Adentro do que fica referido entendemos prudente e necessário, devido às dificuldades que presentemente condicionam o nosso trabalho e mercê de verbas resultantes de indemnizações recebidas, criar uma «Reserva para Flutuação do Custo de Matérias-Primas», no valor de Esc. 668 855\$50, critério que estamos certos aceitaremos como medida que as circunstâncias impunham.

Outrossim, e com vista a um capaz reapetrechamento fabril e à renovação do nosso parque industrial — sempre com o objectivo de acompanharmos o surgir de novos maquinismos mais aperfeiçoados e, portanto, mais aconse-

lháveis — entendemos, também, e com a mesma origem a que acima aludimos, criar uma «Reserva para Renovação de Máquinas e Ferramentas», no valor de Esc. 1 795 287\$56, critério este que estamos seguros ser por vós também aceite sem hesitação.

Criamos ainda as Provisões julgadas convenientes no que respeita a Créditos Incobráveis e de Cobrança Duvidosa.

Procuraremos, finalmente, desenvolver e melhorar a secção de fios e cordas de Polietileno e Polipropileno, com o fim — que é evidente — de dentro do possível compensar, neste sector, o forçado afrouxamento da exportação de cordoaria de sisal.

A Conta de Resultados do Exercício apresenta um saldo positivo de Esc. 431 367\$85, para o qual e em conformidade com a deliberação tomada em Assembleia Geral realizada em 25 de Março de 1971 quanto à não distribuição de dividendos aos accionistas, propomos, como segue, a s/ distribuição:

- 1.º — 5 % para Fundo de Reserva Legal.
- 2.º — O restante para Fundo de Reserva Especial.

Ao Conselho Fiscal apresentamos os n/ agradecimentos pela colaboração com que nos honraram.

A todos os que no ano findo trabalharam para a nossa empresa apresentamos igualmente os nossos agradecimentos.

Esmoriz, 10 de Fevereiro de 1973.

O Técnico de Contas

Catolino Dias Pinto

A ADMINISTRAÇÃO

Manuel Armando Ferreira da Silva Pereira

Balanço em 31 de Dezembro de 1972

ACTIVO			
DISPONIBILIDADES			
Caixa	150 541\$79		
Bancos e Caixa Geral de Depósitos	7 233 774\$51	7 384 316\$30	
CRÉDITOS A CURTO PRAZO			
Clientes	2 049 605\$56		
Devedores e Credores — Saldos Devedores	2 202 496\$70		
Devedores por Valores à Cobrança	42 896\$60		
Devedores por Créditos Abertos	156 573\$80		
Letras a Receber	86 248\$80		
Fornecedores	29 394\$60	4 567 216\$06	
REMANESCENTE			
Matérias-Primas	3 957 104\$40		
Matérias Subsidiárias	111 283\$35		
Matérias de Consumo	10 709\$00		
Produtos Semi-Fabricados	417 656\$50		
Produtos Fabricados	3 850 609\$60		
Materiais de Embalagem	67 380\$15		
Materiais Diversos	57 775\$43		
	8 472 518\$43		
Gastos Reembolsáveis	21 848\$00	8 494 366\$43	
IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
Imóveis e Instalações	4 661 174\$90		
A deduzir — Reintegrações	442 536\$30	4 218 638\$60	
Máquinas, Aparelhos e Ferramentas	11 929 282\$10		
A deduzir — Reintegrações	3 567 547\$50	8 361 734\$60	
Móveis e Utensílios	236 232\$90		
A deduzir — Reintegrações	73 648\$60	162 584\$30	
Material Rolante e de Transporte	325 253\$80		
A deduzir — Reintegrações	124 095\$20	201 158\$60	
Materiais e Acessórios Vários	19 780\$00		
A deduzir — Reintegrações	5 936\$40	13 851\$60	
Terrenos	1 398 405\$00		
INCORPÓREAS			
Iniciais e Não Iniciais	152 237\$80		
A deduzir — Amortizações	152 237\$80	\$	14 356 372\$70
TOTAL DO ACTIVO			34 802 271\$49
CONTAS DE ORDEM			
Devedores por Finanças Diversas	34 373\$56		
Devedores por Finanças Alfandegárias	352 000\$00		
Devedores por Reclamações de Seguros	60 000\$00	446 373\$56	
		446 373\$56	
PASSIVO			
DÉBITOS A LONGO PRAZO			
Devedores e Credores Diversos	4 805 000\$00		
DÉBITOS A CURTO PRAZO			
Devedores e Credores — Saldos Credores	11 845 044\$56		
Letras a Pagar	4 417 347\$09		
Créditos Abertos por Clientes do Estrangeiro	156 573\$80		
Imposto de Transacções	19 739\$60	21 243 705\$05	
TOTAL DO PASSIVO			21 243 705\$05
SITUAÇÃO LÍQUIDA			
CAPITAL	10 000 000\$00		
RESERVAS E PROVISÕES			
Fundo de Reserva Legal	14 640\$14		
Fundo de Reserva Especial	278 162\$36		
Reserva para Renovação de Máquinas e Ferramentas	1 795 278\$56		
Reserva para Flutuação do Custo de Matérias-Primas	668 855\$50		
Provisão para Depreciação da Conta de Clientes	134 629\$40		
Provisão para Créditos de Cobrança Duvidosa	68 262\$73		
Provisão para Créditos Incobráveis	167 369\$90	3 127 198\$59	
		13 127 198\$59	
RESULTADOS DO EXERCÍCIO		431 367\$85	
TOTAL DO PASSIVO E DA SITUAÇÃO LÍQUIDA			34 802 271\$49
CONTAS DE ORDEM			
Reclamações de Seguros	34 373\$56		
Bancos, C/ Finanças Prestadas	412 000\$00	446 373\$56	
		446 373\$56	

O Técnico de Contas

Catolino Dias Pinto

A ADMINISTRAÇÃO

Manuel Armando Ferreira da Silva Pereira

Demonstração da Conta

31 de Dezembro de 1972

«RESULTADOS DO EXERCÍCIO»

PROVEITOS			
VARIAÇÃO DAS EXISTÊNCIAS:			
em 31-12-71	6 768 004\$80		
em 31-12-72	8 472 518\$43	1 704 513\$69	
RECEITAS DA ACTIVIDADE INDUSTRIAL		27 456 013\$08	
RECEITAS FINANCEIRAS		78 077\$38	
ABATIMENTOS, BONIFICAÇÕES E DESCONTOS EM COMPRAS		33 950\$10	
PROVEITOS DIVERSOS		1 038 533\$43	
		30 311 087\$62	
CUSTOS			
MATÉRIAS-PRIMAS	14 619 628\$34		
MATERIAS SUBSIDIÁRIAS	360 602\$83		
MATERIAS DE CONSUMO	517 572\$20		
MATERIAIS DE EMBALAGEM	849 927\$80		
PRODUTOS FABRICADOS	16 301\$70		
MATERIAIS DIVERSOS	86 409\$50	16 450 442\$37	
REMUNERAÇÕES E OUTROS ENCARGOS COM OS ÓRGÃOS SOCIAIS	558 821\$19		
REMUNERAÇÕES E OUTROS ENCARGOS COM PESSOAL	4 599 669\$70		
COMISSÕES A AGENTES	228 832\$68	5 387 323\$57	
REINTEGRAÇÕES CORPÓREAS		1 520 280\$00	
AMORTIZAÇÕES INCORPÓREAS		45 452\$80	
ABATIMENTOS, BONIFICAÇÕES E DESCONTOS EM VENDAS		627 735\$33	
DESPESAS COM VENDAS		2 156 270\$92	
DESPESAS COM COMPRAS		941 158\$10	
DESPESAS FISCAIS E PARAFISCAIS		49 998\$90	
DESPESAS COM BENS MÓVEIS E IMÓVEIS		1 298 193\$15	
DESPESAS DIVERSAS DE GESTÃO		251 059\$80	
DESPESAS FINANCEIRAS		916 172\$20	
PROVISÕES		235 632\$63	
		29 879 719\$77	
RESULTADOS DO EXERCÍCIO		431 367\$85	
		30 311 087\$62	

O Técnico de Contas

Catolino Dias Pinto

A ADMINISTRAÇÃO

Manuel Armando Ferreira da Silva Pereira

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Em conformidade com as disposições legais e estatutárias procedeu, o Conselho Fiscal, a exame cuidadoso do relatório e das contas relativas ao exercício de 1972, que lhe foram apresentadas pelo Conselho de Administração. Verificamos a sua boa arrumação e exactidão contabilística face aos registos e documentos que nos foram facultados.

O Balanço e a Conta de Resultados do exercício devidamente ordenados e especificados, exibem, claramente, os valores tratados, satisfazendo, assim, as exigências legais.

Adoptou-se na valorização das existências o custo real dos bens. Nestes termos, e em conclusão, o Conselho Fiscal é de parecer:

- 1.º — Que aproveis o Relatório, Balanço e Contas de Resultados relativos ao exercício findo.
- 2.º — Que aproveis a distribuição de resultados proposta pelo Conselho de Administração.
- 3.º — Que aproveis um voto de louvor ao Conselho de Administração pela competência e zelo com que geriu os negócios sociais.
- 4.º — Que vos associeis ao voto de agradecimento a todo o pessoal pela colaboração sempre demonstrada.

Esmoriz, 12 de Março de 1973.

O CONSELHO FISCAL

Dr. José Gomes da Silva
José Miguel Rodrigues Vieira
António Alves Fardilha
Salvador Ferreira da Silva
Abel Pinto Rodrigues

PORTA ABERTA

Dentro da nova orientação que desde agora passa a ser dada a este semanário, pretende-se que ele constitua tribuna onde todos os espinhenses possam manifestar livremente as suas opiniões sobre todo e qualquer assunto que vise o desenvolvimento de Espinho e a concretização das suas mais caras aspirações.

Por mais dilatado que possa ser o nosso corpo redactorial, não podemos ter a veleidade de representar todos os sectores da opinião pública local nem arrogar-nos o exclusivo de, pela pena dos colaboradores habituais, serem abordados todos os problemas, maiores ou menores, da nossa terra.

«Defesa de Espinho» deve ser o espelho, tanto quanto possível fiel, da pluralidade de pensamento dos Espinhenses, seja ele do sector administrativo, do sector social, do sector desportivo ou qualquer outro dos sectores que enformam toda a vida de Espinho.

Com tal objectivo se cria a secção «PORTA ABERTA», onde passarão a ser publicadas todas as cartas que os nossos leitores entendam por bem enviar-nos e nas quais se refiram a qualquer dos múltiplos aspectos da vida espinhense, quer fazendo as suas críticas, quer fazendo sugestões.

Como «PORTA ABERTA» que pretende ser, está franqueada a todos, bem escancarada a todos, pois o jornal quer ser o jornal de todos os espinhenses e não o jornal de uma meia-dúzia.

Como únicas limitações impomos apenas que os autores das cartas as subscrivam com o seu nome autêntico, pois esta secção não pode ser destinada a quem não tenha a coragem de as subcrever, e que a correcção de linguagem e o respeito pelas pessoas e opiniões alheias não sofra a menor beliscadela.

A partir de agora, pois, está aberta a nossa porta.

Em defesa de Espinho

Por Virgílio Lacerda

A DEFESA DE ESPINHO, ao fim de 41 anos de existência, conhece novo Director. Ao anterior foram, já, no passado número, prestadas as merecidas homenagens, por alguns dos seus antigos colaboradores, aos quais nos associamos com todo o recolhimento.

No dealbar desta segunda etapa, solicitada que foi a nossa colaboração, queremos dar o nosso incondicional apoio a quem, sabendo das pesadas responsabilidades que o esperam, se dá inteiramente para «satisfação da consciência do dever cumprido para com a terra onde nasceu».

A nossa posição é, também, a mesma e continuaremos na liça enquanto a nossa colaboração for necessária ou julgada, de qualquer modo útil.

Novo responsável, nova vida, novo rumo. Trilogia inseparável, quando se recebe um testemunho de lugar cimeiro. O timoneiro já todos conhecemos. É um espinhense, como todos nós, amante da sua terra e capaz de se sacrificar por ela.

Para nova vida? Pois, concerta. Mentalidade actualizada e actuante, capaz de conjugar um grupo diversificado, que mostre veias diferentes para a feitura dum jornal, como convém. Já vai longe,

muito longe, o tempo dos milagres...

Para novor um? Sim, é preciso novor um, dentro de todas as responsabilidades, mais ainda conscientemente assacando todas as responsabilidades. Mas novo rumo, com portas e janelas bem abertas para uma entrada de ar renovador nesta Primavera promissora em que DEFESA DE ESPINHO conhece uma feição nova para nova vida. É preciso gritar aos quatro ventos, com respeito e guardando todas as conveniências, mas de modo a que o eco das nossas palavras mostre a insatisfação dos Espinhenses por uns tantos anseios e problemas, que deviam estar solucionados há já muito tempo. Não devemos temer que os nossos apelos cheguem até ao Terreiro do Paço. Pelo contrário, estamos convencidos de que até pode ser útil. Pois se Espinho tem sabido cumprir como os que melhor cumprem, por que não reivindicar aquilo que pertence às autoridades centrais fazer? Pedir, usando todos os meios, pedir sempre, respeitadamente, mas com a firmeza de quem quem pede há muito se tornou credor. Podemos provar que alguns dos velhos problemas de que a nossa terra carece ver resolvidos há muito foram reconhe-

GAZETILHA

MISSES NO ESTORIL

Vi agora a Simone na Têvê.
E até gostei. Fiz as pazes com ela.
Menos «sofisticada». Tem um quê,
Que empresta simpatia à locutora.
Era de juventude a festa bela:
As misses portuguesas desfilarão...
E portas d'ouro abriu ridente Aurora:
Lusas comunidades disputaram
Com as províncias metropolitanas,
De suas excelências muito ufanas,
A honra de ser «Miss Portugal».
No júri, o elenco habitual,
Que o Agostinho, com seu jeito afoito,
Anunciou. Também lá estava o Coito.
Cantou Paco Bandeira — aquele artista
De «Elvas, ó Elvas! Badajoz à vista!»

Ei-las por fim, as moças concorrentes,
Num alarde de graça e de beleza!
Difícil escolher, entre as presentes,
O alto ponto da graça portuguesa;
Britania, Bermudas, Canadá,
Comunidade luso-brasileira...
E um chapéu alto à françoquesa dá
Um tic de garota rapioqueira...
A Madeira. Timor, que vem descalça.
Formosura do Minho, que realça
Meia de renda branca e chinelinha.
E depois do Douro, rosa e verde,
O agareno Algarve agora alinha.
E o Alentejo, que se diz não ter sombra,
No ritmo grave de lenta cantiga,
A sua austeridade apenas perde
Se, na lonjura, os olhos prende e assombra
O corpo grácil duma rapariga.

Quanto à assistência, em traje de rigor,
Tudo «primeira apanha», da melhor;
A «câmara» a focou, frequentemente;
É bem, é raffinée aquela gente,
Mas gosta pouco que o lirismo a enfade:
— Venha o fato-de-banho in continenti!
Entre-se enfim na zona da verdade:

E a plástica soberba e quase nua
De todas as beldades que concorrem,
Ondula, impõe-se e como que flutua
Pelos gulosos olhos que a percorrem!

Ao fim e ao cabo, o júri decidiu:
Carla Barros, é Miss Portugal!
Mas como era tão bom quanto se viu,
Eu, cá por mim — julgasse bem ou mal! —
Para a «cabeça», no lugar melhor,
Metade delas tiraria à sorte;
E outra metade, qual luzida côrte,
Seria a «ala» das damas de honor!

Vou ressalvar aqui o acima escrito:
— «Aquele abraço» à Carla! Ela é um amor!
Tem jus à «reinação»! E tenho dito.

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

cidos por sucessivas autoridades, que em função dos cargos nos têm visitado. Mencioná-los, neste momento, julgamos ser desnecessário, tão publicamente conhecidos são tais problemas. Com o decorrer do tempo, aparecerão essas oportunidades, sem dúvida.

O papel de DEFESA DE ESPINHO é transcendente para levantar esses problemas e conseguir

uma conjugação de esforços que a todos nós, Espinhenses, comumente respeita. Um futuro trabalho, cheio de escolhos e arrelhas, espera a DEFESA DE ESPINHO. Mas, para além disso, há algo de muito mais importante que se consubstancia no nome do nosso próprio jornal: todos temos obrigação de terçar armas em defesa de Espinho.

F. I. D. E. S.

FUNDO DE INVESTIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO SOCIAL
Para Investimento das suas Poupanças

CONSULTE:

José Almeida (96) ★ Dario Capela
Consultores de Segurança das Companhias:
IMPÉRIO ✦ SAGRES ✦ UNIVERSAL

TELEFONES

{ 921526
920374

Prismática

Gerações em Choque

Cenário: um consultório médico algures. Personagens principais: dois rapazinhos. Figurantes: vários adultos de ambos os sexos.

Vamos, pois, à cena.

Um dos jovens, quicá de oito anos. Acompanhava-o a mãe, senhora jovem, passível de atingir a casa dos trinta. Paradigma do menino de agora, expresso no trajar, como na fatura de melenas, ainda num indisciplinado irrequietismo. Que incomodava todo o mundo. A progenitora não obtinha a mais leve obediência.

O outro, com uma dúzia de anos. Por companhia os pais, um casal projectado para o quarentão. Protótipo de juvenzinho de antanho. Na maneira de vestir, no traço do corte de cabelo, no comportamento adulto na circunstância.

Dois meninos. Duas idades. Duas épocas. Antagonismos até na educação. Muito notoriamente.

Pouco importa comparar processos. Nem dissecar qual o bom e o menos bom. Não se cuida de tomar partido.

Por mim, dei-me apenas a apreciar aquele filme vivo, tendo por tela a sala de um

consultório médico. Uma película prenhe de colorido, com interpretações plenas de naturalidade. Os actorzinhos estavam cientes dos papéis, estruturados segundo o guião caseiro. Eram rotinais. E, mentalmente, chamei aquela curta-metragem, embora de argumento aliciante, frise-se, e pluri-facetado, note-se, «Gerações em choque».

Bem? Mal?

A dúvida não fermentou, pois, imprevista e espontaneamente, o jovem mais jovem vem em meu auxílio.

Sim, o menino mais criança, de vestes à moda, de longas madeixas, de turbulência sem travão, voltado para a mãe-mamã, apontou, um tanto escandalizado, para o outro menino, mais rapazelho, de roupagem extra-voga, de cabelos curtos e alinhados, de compostura correcta para a ocasião e local, e proclamou, alto e bom som:

— Oh, mamã, aquele menino tem um cabelo tão feio!

Na realidade, fiquei convicto de haver acertado no título daquela interessante curta-metragem!

Carlos Sárria

ESPINHO CULTURAL

Continuação da página 3

Recuemos um pouco no tempo e vamos até à época da existência do Cineclub. Não vamos aqui abordar as causas da sua extinção. Mas, pode-se perguntar: quem ia às sessões do Cineclub? Poucos! Desoladoramente, muito poucos.

O que houve mais? Bom, se a memória me não engana, a resposta é um desconsolador e sonoro NADA.

Pergunta B — Quais os locais de convívio de que dispõem os Espinhenses?

Ah! Ai há muitos: para cima de uma dúzia, e em vias de grande incremento quantitativo. Desde a Rua 34 até à Esplanada, é difícil andarmos mais de 500 metros sem toparmos com um. Mas... (lá está outro «mas»). Mas sabem bem os que me refiro e à espécie de convívio que aí se pratica. Para bom entendedor...

PERGUNTA FINAL — Há soluções para isto?

Claro que há! Assim o queiramos... Exemplifiquemos:

Como vamos de Bibliotecas? Muito mal. Pouquíssima gente cá da terra terá o gosto de ler. Aliás, o conceito de leitura tem muitas armadilhas. É que... «há ler e ler, há evoluir e estagnar». Não bastam de forma nenhuma os livros de bolso, a maioria (há excepções, felizmente!) de valor duvidoso. É necessário um critério de escolha apurado, que infelizmente, na maioria dos casos por culpa das próprias casas editoras, pouquíssimos têm. Há outro problema, talvez o mais grave — o preço! Mas isso é outro aspecto da questão... O remédio para isto? Cá vai uma sugestão — qualquer colectividade

de Espinho poderia, com boa-vontade dos sócios, e com apoios externos, formar uma biblioteca «mais em geito do que em força», uma biblioteca que, evidentemente, oferecesse facilidades totais de consulta domiciliária e que levasse a todos os locais de maior densidade humana (fábricas, escritórios, escolas, liceus, cafés — claro!) a notícia de que existia e estava ali para servir todos, mas todos mesmo!

Sessões de cinema com distribuição de literatura sobre o filme a exhibir, (bom seria o renascer do Cineclub) levadas a efeito por qualquer colectividade responsável.

E mais, muito mais: Colóquios, audição, com comentários, de boa música — (pelo menos gravada — (Atenção, Academia!) Concursos de Artes e Letras, não juvenis, mas para todos, sessões de Teatro — e há grupos de Teatro Amador que até sabem fazer teatro (Plebeus Avintenses, CAT da OLIVA, etc.) — enfim, uma imensidade de iniciativas que se poderiam tentar.

Para concluir, o «parágrafo único» de tudo o que foi dito:

Que todas as possíveis iniciativas a fazer (serei demasiado ingénuo?) sejam, de facto, para todos, e não para elites. Que todas elas sejam, financeiramente, o mais possível acessíveis a toda a gente. Que EXISTAM, para que o geométrico deserto cultural de Espinho se transforme em viveiro fértil e, essencialmente, bem adubado, «daquilo que fica depois de termos esquecido tudo» — a CULTURA.

NUNO BARBOSA

O PASSADO E O PRESENTE

Continuação da página 2

mitigação de uma saudade sempre presente, merece bem a nossa homenagem.

Não se pode deixar de dar o devido realce à importância da missão deste jornal, à relevância da sua finalidade, à grande responsabilidade que lhe cabe nos destinos de uma terra, através de uma informação que deve ser orientada no melhor sentido.

No início da nova fase da DEFESA DE ESPINHO, aqui formulo expressivos e sinceros votos dos maiores êxitos, que continue, e o faça brilhantemente, a valorizar a obra do passado, consolide o presente, rasgue novos horizontes, desperte novos entusiasmos, novas decisões, e que animados de uma inalterável decisão de realizar, atinja um prestígio cada vez maior, contribuindo, desta forma, para o engrandecimento de Espinho.

JERÓNIMO REIS

HOQUEI EM PATINS

Continuação da página 12

querer sirva de lição à equipa espinhense.

Não se contesta o mérito da vitória, mas atitudes de «desprezo» não se podem admitir. Rectifiquem o seu modo de ver o adversário, já que têm valor para se baterem de igual para igual com equipas de maior valor.

2.ª JORNADA

Rinque H. C. Águias do Porto.

H. C. AGUIAS DO PORTO 2 — AAE 7
Águias do Porto — Cunha, Teixeira, Allen 2), Marques e Jorge.
AAE — Fidalgo, Hernâni, Campos, Cruz (1), Pinto (6) e Pedro.

1.º tempo: 0-3

Com o piso escorregadio motivado pela chuva que caiu durante todo o encontro, os espinhenses adoptaram e bem o jogo de boa corrida, confundindo o seu adversário que teimava em fazer os seus ataques através de «fintas» e mais «fintas». Assim e conseguindo rapidamente 2 tentos de avanço os acadêmistas aperceberam-se que só com muita infelicidade perderiam a supremacia no marcador. Assim, jogando com muita determinação e com bom sentido pela baliza os golos foram aparecendo normalmente, conseguindo a equipa do Porto os dois tentos como prémio merecido pela forma galharda e correcta como encararam a supremacia do seu adversário.

CAMPEONATO REGIONAL DE INICIADOS

1.ª JORNADA

Jogo no Pavilhão Arq. Jerónimo Ferreira Reis.

A. A. E. 2 — H. C. CARVALHOS 9

AAE — Ismael, Sousa, Rocha, Quim (2), e Duarte.

Carvalhos — Ventura, Mário, Moreira (1), Ferreira (5), Costa 3, Alexandre, Guterres e Domingues.

Intervalo: 2-3

Não obstante a valorosa réplica dos jovens jogadores da AAE (desta equipa 4 dos elementos que a compõem saíram este ano da escola de patinagem), na primeira parte, em que acabaram na situação de vencidos por margem tangencial, nada puderam fazer para que no 2.º tempo a maior capacidade atlética do cinco visitante já concorrente no ano transacto ao campeonato respectivo, se impusesse de molde a justificar a sua supremacia e a justiça do resultado.

Estamos certos de que com mais experiência, que só podem vir a conseguir com a continuidade dos jogos e assiduidade aos treinos, a equipa da AAE poderá, num futuro mais ou me-

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 929014

Dias: 3-as e 6-as feiras com hora marcada

Dr. José Manuel Gomes de Almeida

Clinica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.º ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

Carlos Matos Viegas

MÉDICO

Clinica Geral

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt.º. — Tel. 921024

José Luís F. Barbosa

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças dos ossos e Articulações

Consulta todas as 3.ªs feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

Pinto de Matos

Médico Especialista, ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausanne e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Ausentes temporariamente em Inglaterra

Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218
ESPINHO

CASA DE SAÚDE DE ESPINHO

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

nos próximo, pôr ao de cima todas as qualidades que possuem. Assim o queiram estes jovens.

2.ª JORNADA

Rinque do H. C. Águias do Porto.

HC ÁGUIAS 0 — AAE 0

H. C. Águias — Américo, Castro, Luciano, Adriano, Martinho e Viterbo.

AAE — Ismael, Sousa, Rocha, Quim e Duarte.

Jogando sempre debaixo de chuva, ambas as equipas tiveram dificuldades em se movimentarem. Adaptando-se melhor às condições do terreno pela maior envergadura dos seus jogadores, o clube do Águias imprimiu logo de início uma maior velocidade de jogo, remetendo a equipa espinhense a uma defesa aturada com relevo para o seu guarda-redes.

No 2.º tempo, fazendo alarde de uma melhor valia técnica foi a vez dos espinhenses forçarem o ataque e o comando do jogo que nunca mais lhes deixou de pertencer, sendo a vez de pôrem à prova o último reduto do clube do Porto, que umas vezes por manifestação sorte (com cinco bolas nos postes) e outras pela exibição de valor do seu guarda-redes, conseguiu segurar o empate não obstante o esforço feito pela equipa da AAE.

No entanto, resultado certo, já que as defesas com relevo para os seus guarda-redes, levaram de uma maneira geral, a melhor sobre os ataques.

notícias

DO HOSPITAL

Foi internado o sr. Dr. Américo Costa e Silva a fim de se submeter a intervenção cirúrgica.

Deu à luz um menino, Maria Isabel Paquete Torres Soares, esposa de Carlos Oliveira Soares e filha de João Marques dos Santos Torres e de Maria Isabel Paquete Torres.

Foram atendidos nos Serviços de Urgência, de 23 a 30 de Abril:

133 homens e 131 mulheres.

No mesmo período verificaram-se 30 partos.

Ainda de 23 a 30 de Abril foram feitas:

11 intervenções de grande cirurgia e 16 intervenções de otorrino.

No dia 30, estavam internados nas enfermarias:

19 homens; 46 mulheres e 18 crianças.

DESASTRE

No lugar de Barrancas, em Pedroso, Gaia, cerca das 14 horas de segunda feira, dia 30 de Abril, um automóvel que era conduzido pela Sr.^a D. Maria Cordélia Araújo

Catarino, solteira, residente na Rua 22, em Espinho, chocou com outro carro. Do choque resultaram ferimentos na nossa conterrânea, que foi internada no Hospital de S. João.

Lamentando a ocorrência, desejamos o mais rápido restabelecimento.

Cartório Notarial de Espinho

A cargo da notária Lic. Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 25 de Abril de 1973, lavrada de folhas 29 a 30 do livro de notas para escrituras diversas A — Número 34 deste cartório notarial de Espinho, o senhor MIGUEL FERREIRA DO CARMO dividiu a sua quota do valor nominal de 17 000\$00 que possuía na sociedade comercial «VIDRAGO, COSTA & CARMO, LIMITADA», com sede na Rua Oito, número 583, desta vila, em duas de 8 500\$00 cada uma e cedeu cada uma delas a cada um dos seus consócios BERNARDO PEIXOTO VIDRAGO e AUGUSTO DE AZEVEDO DA COSTA, renunciando, em consequência, às suas funções de gerente e autorizando que a firma continui sem alteração.

Que, unificadas as quotas, foram alterados os artigos terceiro e quinto dos estatutos, os quais ficarão a ter a seguinte nova redacção:

TERCEIRO — O capital social é de 51 000\$00, já integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios que são de 25 500\$00 cada uma.

QUINTO — A administração dos negócios da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, será exercida pelos dois sócios, sendo preciso para obrigar a sociedade a assinatura de dois gerentes, bastando para actos de mero expediente a assinatura de qualquer um deles.

PARÁGRAFO ÚNICO — É proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao seu objecto.

ESTÁ CONFORME AO ORIGINAL.

Espinho e cartório notarial, 26 de Abril de 1973.

O Advogado com procuração do notificante,
AMADEU MORAIS

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

AOS LEITORES

Ao lerem esta DEFESA DE ESPINHO, criada sob o signo da renovação, quer no aspecto gráfico e formato, quer no conteúdo, os nossos leitores encontrarão uma diferença nítida, que, estamos certos, lhes irá agradar, não digamos na sua totalidade, mas, pelo menos, em grande parte.

É claro que, nos tempos que decorrem, todas as mudanças e todos os melhoramentos, têm o seu preço e, neste caso, não foi possível fugir à regra. O nosso jornal teve de mudar em muita coisa, por força das circunstâncias, e uma das principais consequências, vai incidir, como não podia deixar de ser, no seu preço, nas assinaturas e na tabela de anúncios.

A primeira impressão, ainda estremeceamos, diante da realidade que se nos apresentou, mas depressa reagimos, pois o dilema era bem nítido, empurrando-nos para a escola, entre o morrer aos poucos, ante a indiferença quase geral, ou o despertar enérgico com o apoio e a consciencialização de todos. Se o Jornal da terra tem um papel vivo a cumprir, se é do interesse geral, pois então vamos todos a colaborar numa obra comum, estendendo a mão, não para uma esmola ou um favor, mas sim para uma colaboração digna.

O jornal vai subir de preço. Esperamos a colaboração de todos, certos da escolha entre o ser ou não ser, seguros duma tarefa a cumprir.

Agenda **Revogação do Mandato**

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje e amanhã: Farmácia Teixeira — Rua 19 — Telefone 920352.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, Sábado, 5 — O Muro do Atlântico — com Bourvil, Sophie Desmarets, Peter McEnery e Terry Thomas — 10 anos.

Domingo e Segunda, 6 e 7 — Um Violino no Telhado — com Topol, Norma Crane, Leonard Frey, Paul Mann, etc. — 14 anos.

Quinta-feira, 10 — Angola na Guerra e no Progresso — 10 anos.

Sexta-feira, 11 — O Relicário — com Carmen Sevilla, Arturo Fernandez, etc. — 14 anos.

CASINO

Hoje, Sábado, 5 — A História de um Delito — 18 anos.

Domingo, 6 — Os Alegres Dias de Pompeia — 18 anos.

Quarta-feira, 9 — O Grande Silêncio — 10 anos.

Dr. Lima Santiago

ADVOGADO

Largo da Graciosa, 41-1.º

ESPINHO

Café Cristal

Empregado de Mesa. Precisa-se efectivo.

Vendem-se

Móvel de Sala de Jantar, móvel de quarto estilos americano e inglês, fogão a gás e outros móveis.

Falar na Rua 20 n.º 1036
ESPINHO

Dr.^a Emília Pedrosa Santiago

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º
ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

Joaquim Gomes Pereira

Electricista de Automóveis
Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dínamos e motores, Testes eléctricos e Focagem de faróis.

Garagem Espinho-Praia, L.d.
(Serviço Mobil)

Rua 15 — Tef. 921333 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

Casa Vende-se

Na Rua 39 n.º 84 Falar com José Romão, Rua 41 n.º 247
ESPINHO

Aluga-se

Armazém amplo (antiga Serraria Viseu) na Rua 21 n.º 453.
Trata telefone 968079.

Dr. Carlos Pereira

Especialista de doenças dos Olhos

Médico dos Serviços de Oftalmologia no Hospital Geral de Santo António
Consultas as Segundas, Terças e Sábados, a partir das 14,30 horas.

Rua 19 n.º 364-1.º esq. — Tel 921218
ESPINHO

Andar Independente

Bem localizado, Avenida 24 n.º 739-2.º Andar com 6 assoalhados por 1 800\$00 mensais.

Ver e tratar com a Cooperativa «A moradia de Espinho», das 14 às 15 horas, todos os dias úteis, à Avenida 24 n.º 751, em Espinho.

Precisa-se

Ajudante de Cabeleireira que saiba pentear.

Falar:

SALÃO MARIÂNGELA
— Rua 19, 364 - 2.º D.to. —
Espinho (ou pelo Telef. 920964)

desporto

ORIENTAÇÃO DE ROLANDO DE SOUSA

LINHA DE MARCAÇÃO

No início de uma nova fase de publicação deste semanário, entenderam os seus directores, cientes da importância do fenómeno desportivo nos dias de hoje, criar uma página totalmente dedicada ao desporto.

Aceitei o convite que me fizeram para colaborar nesta página, sem grandes hesitações, embora consciente das dificuldades que se me vão deparar, mas animado da melhor boa vontade para benefício da actividade desportiva da nossa terra.

Esclareço que a minha colaboração nesta página será totalmente amadora (em todos os sentidos que a palavra encerra) e como tal deverá ser encarada.

Esta página dividir-se-á em duas partes: uma dedicada ao noticiário desportivo em que intervenha qualquer equipa espinhense e outra ao debate amplo de todos os problemas de maior saliência no panorama desportivo espinhense.

Interpretando as linhas do ideário deste jornal, expressas no artigo de fundo do seu director, esta página tem a pretensão de ser uma «página viva». Iremos ao contacto com os nossos leitores e auscultaremos as diversas correntes de opinião.

Tentaremos, em suma, uma participação acentuada por parte do maior número de pessoas interessadas na promoção desportiva espinhense.

R. S.

VOLEIBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA 1.ª DIVISÃO

LEIXÕES, 0 — SP. ESPINHO, 3 (4-15, 11-15, 9-15)

O Sporting de Espinho derrotou clara e expressivamente o Leixões, actual campeão nacional da modalidade em jogo disputado no Liceu Garcia de Orta, correspondente à antepenúltima jornada da 1.ª volta do Campeonato Nacional.

Este jogo era aguardado com certa expectativa já que iriam estar frente a frente duas das melhores equipas portuguesas acrescida da circunstância da equipa leixonense ter estado em massa no estágio das selecções nacionais (seniores e juniores), onde beneficiaram de preparação intensiva (duas sessões diárias) durante quinze dias. A equipa pareceu-nos, contudo, fatigada e saturada, talvez por não estar habituada a tão acentuada preparação.

O bom jogo realizado pelo Espinho terá tido também a sua influência já que o seu sistema de jogo quando bem executado pulveriza o sistema defensivo do adversário obstando a que ele construa as suas próprias jogadas. De facto,

a equipa do Sporting de Espinho, neste encontro, esteve sempre atenta a todos os pormenores do jogo, desde o serviço à recepção, na defesa alta e nos seus ressaltos, proporcionando-lhe uma variação de lances de ataque, onde se salientou o veterano José Salvador, que apesar da sua veteranía terá de ser ainda considerado como um dos mais firmes valores do voleibol luso.

O Sporting de Espinho alinhou com: José Salvador, Fernando Correia, Luís Correia, Tomás, Toni, Rolando, Luís Resende, Rodrigues, Rui Azevedo e Salvador.

II DIVISÃO

AC. DE ESPINHO 1 - AC. AVINTES 3

Derrota da Académica de Espinho no seu terreno depois de na 1.ª volta ter saído vencedora em casa do adversário.

GIN. FIGUEIRENSE 1 - AC. ESPINHO 3

Em jogo realizado no passado domingo, vitória fácil da Académica de Espinho.

perdia na ofensiva por demasiadas trocas de bola.

No 2.º tempo, «desprezando» um pouco o seu adversário, os espinhenses experimentaram sérias dificuldades, pelo que se justifica a obtenção de 2 golos de rajada da equipa do CDUP. Esperando, os jogadores da AAE, lançaram-se ao ataque como o haviam feito na 1.ª parte, remetendo o adversário a uma defesa porfiada, conseguindo a obtenção do golo da tranquilidade.

Tem valor esta equipa de juvenis, mas não pode esquecer de que o adversário está presente. Que a aflicção dos 2 tentos conseguidos pelo CDUP, conjunto aguerrido e com jovens de muito

FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO

FAFE, 2 — ESPINHO, 0

Jogo no Parque Municipal dos Desportos, alinhando:

Fafe — Quim; Lopes, Costa, Cláudio e Leitão; Raul, Albano e Edgar (Santos); Dantas, Daniel e M. Duarte.

S. C. Espinho — Luz; Ribeirinho, Simplício, Gonçalves I e Gomes; Cálix, João Carlos e Teixeira (A. Jorge).

Golos: Dantas (40 min.) e Santos (89 min.).

O resultado não traduz de forma alguma, o desenrolar de uma partida em que a equipa do S. C. Espinho demonstrou, na maior parte do tempo, que era a mais esclarecida na prática do futebol.

Foi um deslize da defesa espinhense que permitiu ao Fafe o seu 1.º golo, numa altura em que os visitados se viam superiorizados pelo seu antagonista. Muito embora estivesse a actuar sobre a defesa, o Espinho dominava o meio-campo e contra-atacava com perigo, criando diversas ocasiões de golo, uma das quais salva sobre o risco da baliza, já com o guarda-redes de Fafe batido.

Na 2.ª parte os jogadores do Espinho forçaram mais o ataque e de novo surgiram oportunidades de marcar, uma tão evidente que foi ingloriamente desperdiçada.

Anotou-se um deslize do árbitro que não pode passar sem uma censura. Referimo-nos a uma jogada dum avançado

do minhoto que ajeitou ostensivamente a bola com a mão, falta que o bandeirinha prontamente assinalou. Foi lamentável que o árbitro deixasse prosseguir o jogo, apesar do sinal do seu auxiliar e até porque ele estava bem perto do lance, que o viu com toda a certeza.

Na sequência do lance referido nasceu um livre indirecto contra o Espinho, grosseiramente contestado pelos jogadores Ribeirinho e Gonçalves.

Embora se reconheça que houve um erro do juiz de campo, de forma alguma podemos aceitar o mau comportamento dos referidos atletas, que assumindo atitudes reprováveis mostraram não saber respeita, além do mais, os legítimos interesses da equipa onde estão integrados.

Desfalcados de uma unidade, os atletas espinhenses, num alarde de brio, lançaram-se de novo à procura do golo do empate. Chegaram a criar algumas situações de perigo e, quase a terminar o jogo, obrigaram o Fafe a ceder três cantos seguidos. Após a marcação do terceiro castigo, um alívio dum defesa local apanhou a defesa espinhense adiantada no terreno permitindo a fuga dum dianteiro contrário, que sozinho frente ao guarda-redes Luz não teve grandes dificuldades em marcar o segundo golo da sua equipa.

O árbitro, Simões Correia (Coimbra), mostrou-se conhecedor das leis do jogo, com o senão de as não aplicar algumas vezes, pelo menos quando podia prejudicar a equipa da casa

A. A. G.

GINÁSTICA DESPORTIVA

O QUE É A GINÁSTICA DESPORTIVA?

1 — É uma modalidade olímpica, disputando-se tanto entre homens como entre senhoras. As competições masculinas desenrolam-se em torno de 6 aparelhos normalizados, que são a BARRA-FIXA, as ARGOLAS, as PARALELAS, o CAVALO-DE-ARÇÕES, os SALTOS DE CAVALO e os EXERCÍCIOS NO SOLO ou MOVIMENTOS LIVRES.

Nas senhoras temos as PARALELAS ASSIMÉTRICAS, a TRAVE, os SALTOS DE CAVALO e os MOVIMENTOS LIVRES, estes normalmente acompanhados com música.

ARMANDO ROSAS DOMINGUES
É CAMPEÃO NACIONAL
DE PARALELAS EM JUNIORES

Realizaram-se no passado mês de Janeiro, em Lisboa, os Campeonatos Nacionais da modalidade, nas categorias de Seniores e Juniores. A A. A. E. inscreveu 2 ginastas em Juniores, o Armando Rosas e o António Salvador, mas não pôde contar com a presença do último.

A actuação do Armando foi estu-penda, considerando que se iniciou na ginástica há apenas um ano e competiu com ginastas há muito praticantes. Ao

sagrar-se CAMPEÃO NACIONAL de Paralelas, passou a ser o 1.º campeão nacional de Espinho em ginástica. Nas restantes especialidades ficou em 2.º nas Argolas, 3.º na Barra-Fixa. Na classificação geral situou-se no 4.º lugar, à frente de todos os seus competidores nortenhos, não logrando melhor classificação por ainda ter certas deficiências nos Saltos.

Parabéns, portanto, ARMANDO ROSAS e que o teu exemplo seja um estímulo para todos os teus actuais e futuros colegas.

V. D.

HOQUEI EM PATINS

CAMPEONATO REGIONAL DE JUVENIS

1.ª JORNADA

Pavilhão Arq. Jerónimo Ferreira Reis.

AAE 4 — CDUP 2

AAE — Fidalgo, Pedro, Campos (2), Hernâni, Pinto (1) e Cruz (1).

CDUP — Passos, Resende (1), Carvalho, Santos, Paulo e Rui (1).

1.º tempo: 3-0

Jogando com velocidade mas nem sempre bem, a equipa da AAE conseguiu no primeiro tempo marcar 3 golos sem resposta a um adversário que embora bem organizado na sua defesa, se

DEFESA DE **ESPINHO**

SEMANÁRIO

AVENÇADO